

A REPRESENTAÇÃO DA REVOLUÇÃO DE 23 NA LITERATURA: *COGUMELoS DE OUTONO* (1972) GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO

THE REPRESENTATION OF THE 23'S REVOLUTION IN LITERATURE: AUTUMN MUSHROOMS (1972) GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO

Gláucia Elisa Zinani Rodrigues¹

RESUMO

O Rio Grande do Sul se deflagrou em conflitos ao longo do Estado após a vitória eleitoral conturbada do Presidente reeleito chimango Antônio Augusto Borges de Medeiros contra o maragato Joaquim Francisco de Assis Brasil em 1922, abrindo o estopim para a Revolução de 1923. Em 24 de abril de 1923, no interior do Estado, na Fazenda “Quatro Irmãos” ocorreu a Revolta do Combate na área de pertencimento de Boa Vista, nome anterior a cidade de Erechim/RS. Esse episódio histórico não ficou despercebido na literatura do escritor Gladstone Osório Mársico (1927-1976) em seu romance, *Cogumelo de Outono*, publicado em 1972, ano do recorte do estudo. O estudo objetiva-se a analisar a representação da Revolução de 23 em *Cogumelos de Outono*. Mársico se inspira na cidade de Erechim/RS² para elaboração de sua narrativa satírica ficcional, repleta de elementos verossímeis, que possibilitam o acesso a uma visão satirizada de um determinado período histórico pelo viés literário. Em termos teóricos metodológicos, dialoga com a História Cultural e situa-se na fronteira entre a Literatura e a História e utiliza para análise o conceito de representação do teórico Roger Chartier.

Palavras-chave: Revolução de 23; *Cogumelos de Outono*; Gladstone Osório Mársico.

1 Licenciada em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (2012) orientada pela Prof. Dr. Lionira Maria Giacomuzzi Komosinski. Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (2019), orientada pela Prof. Dr. Rosane Marcia Neumann. Tem estudo focado na análise de representações na Literatura pós-moderna, estudos entre Literatura e História. Atua como professora de Língua Inglesa e Literatura da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. João Caruso em Erechim desde 2012. Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo (2020), faz parte do Núcleo de Pesquisa História da Imigração - NEHI.

2 Em 27 de abril de 1809, Erechim integrava o território de Rio Pardo. Mais tarde, seguindo o processo de criação de novas regiões administrativas e municípios, em 28 de maio de 1834 passou a pertencer ao município de Cruz Alta. Já em 28 de janeiro de 1957 criou-se o município de Passo Fundo, e passou a terra de Erechim a fazer parte integrante deste novo município, instalado em 1857. Até 30 de abril de 1918 chamou-se Paiol Grande. A partir de 30 de abril de 1918 denominou-se Boa Vista, a partir de 7 de setembro de 1922 chamou-se Boa Vista de Erechim. Com o decreto 7.210 de 5 de abril de 1938 denominou-se José Bonifácio, e com o decreto nº 720 de 24 de dezembro de 1944 mudou o nome para Erechim.

ABSTRACT

The Rio Grande do Sul erupted into conflicts throughout the state after the troubled electoral victory of the re-elected President Chimango Antônio Augusto Borges de Medeiros against maragato Joaquim Francisco de Assis Brasil in 1922, opening the fuse for the Revolution of 23. On 24 April 1923, in the interior of the state, at Quatro Irmãos Farm, the Combate Revolt took place in the area belonging to Boa Vista, the former name of the city of Erechim/RS. This historical episode did not go unnoticed in the literature of the writer Gladstone Osório Mársico (1927-1976) in his novel, Autumn Mushrooms, published in 1972, the year of the study. The objective study is to analyze the representation of the Revolution of 23 in Mushrooms of Autumn. Mársico is inspired by the city of Erechim/RS for the elaboration of his fictional satirical narrative, full of believable elements, which allow access to a satirized view of a certain historical period through the literary bias. In methodological theoretical terms, it dialogues with Cultural History and is located on the border between Literature and History and uses the concept of representation by theorist Roger Chartier for analysis.

Keywords: Revolution of 23; Autumn Mushrooms; Gladstone Osório Mársico.

INTRODUÇÃO

No início do século XX, o Brasil entrava no Ciclo Tenentista, um período de insurreições por uma política democrática de forma que se posicionavam contra as estruturas oligárquicas da República Velha do poder político concentrado nas mãos das elites agrárias tradicionais, cujo episódio símbolo foi um movimento político-militar, a Revolta dos 18 do Forte em Copacabana, em julho de 1922. No Rio Grande do Sul, o clima de tensão eclodiu em 25 de novembro de 1922, com o resultado das eleições para Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, sendo que Borges de Medeiros se reelegeu pela quinta vez eleito pelo Partido Republicano, enquanto que opositores articulavam apoio a Joaquim Francisco de Assis Brasil do Partido Federalista. Visto que, a Constituição Estadual constata a possibilidade de reeleição indefinida do Presidente do Estado:

Desde que obtivesse 3/4 dos votos dos rio-grandenses e, com a morte de Júlio de Castilhos, em 1903, seu fiel seguidor Borges de Medeiros elegeu-se quatro vezes para Presidente do Estado. Permitia também a Constituição Estadual que o Presidente indicasse o Vice-Presidente, bem como os Intendentes Municipais (MENEGATI; CARRARO, 2003, p.11-12).

Ao contrário da Constituição Federal de 1891, que em seu artigo 43 proibia a reeleição para Presidente, a constituição do Rio Grande do Sul permitia a reeleição em seu artigo 9º, com isso, os resultados das eleições possibilitavam dúvidas de fraude. Chiaparini e Menegati (1999) ressaltam que a posse de Borges de Medeiros ocorreu no dia 25 de janeiro de 1923, e

os federalistas desde a eleição começaram os preparativos de arregimento pessoal, “conseguindo armas e cavalos e dividindo o Estado em comandos: Zeca Neto na região de Pelotas, Honório Lemes na região da Campanha, Leonel Rocha na região de Palmeiras e Felipe Portinho na região de Erechim” (CHIAPARINI; MENEGATI In: Revista DM, 14 mar. 1999, s/p).

O escritor Gladstone Osório Mársico (1927-1976) nasceu em Viadutos ex-distrito de Erechim/RS, e faleceu em Porto Alegre/RS. Bacharel em Ciências Jurídicas, advogado da companhia inglesa judaica de colonização, *Jewish Colonization Association*, companhia de imigração inglesa responsável da instalação de imigrantes judeus na Fazenda Quatro Irmãos, hoje município de Quatro Irmãos. Atuou como ex-vereador do Partido Trabalhista Brasileiro (1956-1959). Na literatura publicou o livro de contos *Minha morte e outras vidas* (1958), e os quatro romances; *Gatos à Paisana* (1962), *Cogumelos de Outono* (1972), *Cágada (ou uma cidade a passo de)* (1974) e encerrou com a publicação *post mortem*, de *Furúnculo* em (1994). A crítica literária deu atenção a *Cogumelos de Outono*, Temístocles Linhares (1987, s/p), em sua obra *História Crítica do Romance Brasileiro*, considerou *Cogumelos de Outono* “o maior romance satírico jamais escrito entre nós”. Em outra crítica, publicada na revista *Veja* (5 abr. 1972, p. 88), sessão de Literatura, sob o título *À espera do Führer*, considerou Gladstone Mársico o “melhor talento satírico da nova literatura brasileira”, conforme Rodrigues (2019).

Em 24 de abril de 1923, na Fazenda Quatro Irmãos ocorreu a Revolta do Combate, área de pertencimento de Boa Vista, nome anterior a cidade de Erechim. Apesar de Mársico ter nascido posteriormente o ano de 1923, nota-se que na sua Literatura esse contexto histórico não ficou despercebido, porque o escritor teve acesso aos integrantes dos movimentos maragato e chimango, alguns dos quais participantes do movimento residiram em Erechim. Nota-se que “o autor, não anula a linguagem social em que se insere e vive. Ele, por meio dessa linguagem, torna a linguagem literária mais profunda e verdadeira”, conforme Souza (2005, p. 21). Desse modo, Mársico foi capaz de elaborar sua obra satírica ficcional com elementos verossímeis, que possibilitam analisar a representação da Revolução de 23 em *Cogumelos de Outono*. De acordo com Ferreira (2010, p. 2), sobre a verossimilhança afirma:

O verossímil não é mais, portanto, que uma analogia do verdadeiro, e por isso pode-se dizer que a ficção é a capacidade de um fazer crer, mercê do qual o artifício é tomado como um testemunho autêntico sobre a realidade e a vida. Ou seja, a arte da ficção manifesta-se como arte da ilusão.

Nesse sentido, entende-se que o compromisso do historiador se pauta na verdade; e o do ficcionista, na verossimilhança. Ainda, sobre a verossimilhança é possível observar o conceito de Hansen (2010, p.40), que a define como:

Um efeito semântico produzido quando o leitor relaciona o texto não com a realidade empírica, mas com outros discursos que constituem o campo semântico geral das explicações consideradas verdadeiras em sua sociedade.

A leitura da literatura satírica de Gladstone Osório Mársico dá acesso a uma nova possibilidade de acessar esse período histórico por meio de uma fonte literária carregada de sátira, que segundo Magalhães (2020, p. 68): nas “sátiras não há ingenuidade, todos os movimentos são engajados na construção da crítica. O riso, o humor contido nos textos, estão diretamente subordinados à questão da construção de um olhar contestador sobre a realidade histórica”.

No desenvolvimento do estudo há cruzamento de fontes, inclusão de revisão bibliográfica e utilização para análise do conceito de representação de Roger Chartier, que define a relação:

[E]ntre história e ficção, a distinção parece clara e resolvida se aceita que, em todas as suas formas (míticas, literárias, metafóricas), a ficção é “um discurso que ‘informa’ do real, mas não pretende nem abonar-se nele”, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é (CHARTIER, 2010, p. 24).

Em termos teóricos metodológicos, o estudo dialoga com a História Cultural e situa-se na fronteira entre a Literatura e a História. A relação entre as duas áreas de conhecimento dá abertura a discussões entre historiadores, filósofos, e críticos da Literatura, pois são ciências com suas próprias especificidades. Porém, “o conhecimento histórico deve coexistir com outras verdades sobre o passado, produzidas pelas obras de ficção. A autoridade histórica não se reduz à historiografia” (CHARTIER, p.10). Ainda, sobre essa relação:

Acredita-se hoje que, tanto na teoria literária quanto na historiografia, investigar os entrecruzamentos da literatura e da história é uma tarefa muito produtiva, pois significa uma contribuição à tendência teórica enfatizada nos últimos anos no campo das ciências humanas, que defende ha-

ver um diálogo entre as áreas do conhecimento. Ademais, a partir da aproximação de dois campos do saber, o literário e o histórico, os avanços teóricos e conceituais construídos propiciaram outras perspectivas para representar a realidade (AQUINO, 2016, p.7).

Seguindo a mesma concepção de que as duas áreas do conhecimento permitem a realização de estudos relevantes:

[É] possível perceber que a relação entre História e Literatura se estreita por fatores epistemológicos, em que ambas utilizam da subjetividade ao interpretar a realidade, além de ressaltarem a identidade de um determinado povo por meio da preservação de aspectos culturais e históricos por meio da escrita, baseando-se, portanto, na memória e provocando reflexões em eles em seus leitores (OZELAME; OLIVEIRA, 2017, p.80).

Acredita-se que o estudo vinculado a História e a Literatura podem contribuir para uma nova perspectiva reflexiva de acesso ao contexto histórico da Revolução de 23. A trama imaginária de Mársico conta de que maneira viviam os habitantes de numa cidade interiorana no início do século XX, descrevendo suas personagens imaginárias com qualidades e defeitos, e trazendo aspectos da realidade histórica para o imaginário. Dessa forma, a representação feita na literatura de Mársico perpassa o imaginário:

O imaginário encontra a sua base de entendimento na idéia da representação. Neste ponto, as diferentes posturas convergem: o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade, sem com ela confundir-se, mas tendo nela o seu referente. Mesmo que os seguidores da História Cultural sejam frequentemente atacados por negarem a realidade - acusação absurda e mesmo ridícula - nenhum pesquisador, em sã consciência, poderia desconsiderar a presença do real (COSTA; MACHADO, 2006, p.12).

Costa e Machado (2006) salientam que a representação é constituída pelo imaginário, mas não descartam a presença do real. Ainda, para a estudiosa Vera Beatriz Sass (1994) em sua dissertação, *O satírico e o Picaresco em Gladstone Osório Mársico* salienta que: “*Cogumelos de Outono* apresenta-se como um grande painel enriquecido por doses de ficção, onde a sátira de Mársico figura como elemento expressivo, com ampla liberdade temática e filosófica” (SASS, 1994, p.73).

Para dar sequência, aparece a análise da representação da Revolução de 23 na literatura: *Cogumelos de Outono* (1972) Gladstone Osório Mársico e sem delongas uma breve consideração final.

1 A representação da Revolução de 23 na literatura: *Cogumelos de Outono* (1972) Gladstone Osório Mársico

No início da década de 20 acontecia um descontentamento dos liberais da Aliança Libertadora com o Governo Republicano de Borges de Medeiros, sendo o candidato lançado pela quinta vez nas eleições marcadas para 25 de novembro de 1922, a oposição reagrupou-se em torno de Joaquim Francisco de Assis Brasil e da fraude eleitoral. Além disso, o descontentamento era pela continuação “por quase 25 anos e, muito embora de moral ilibada, Borges de Medeiros estava com sua administração desgastada pelo tempo e desprestigiada, somando-se as arbitrariedades dos Intendentes Municipais por ele nomeados” (MENEGATI; CARRARO, 2003, p.12).

Em 24 de janeiro de 1923, a comissão de deputados da Assembleia Legislativa encerrava os trabalhos com o resultado da vitória de Borges de Medeiros por 106.319 votos, contra 32.217 de Joaquim Francisco de Assis Brasil (MENEGATI; CARRARO, 2003). Então, Assis Brasil indagou a constitucionalidade da lei eleitoral estadual, determinando a renúncia de Borges de Medeiros e impedindo que os prefeitos e vice-governador fossem nomeados. “Borges não aceitou o tribunal de honra, querendo apenas um parecer da Assembleia formada pela maioria absoluta por deputados do Partido Republicano” segundo Flores (2013, p. 169).

Flores (2013) ressalta que, para evitar a posse de Borges de Medeiros em 11 de fevereiro de 1923, “a oposição se levantou em armas, tendo como chefe civil Assis Brasil e diversos chefes militares locais, que agiram por conta própria, sem combates decisivos, esperando a intervenção federal” (FLORES, 2013, p. 170). Em 24 de janeiro de 1923, partindo de Carazinho em direção a Passo Fundo se dirigiram alguns líderes do movimento maragato de Erechim³, que se chamava Boa Vista do Erechim e “nesta época tinha como Intendente o Dr. Nelson Pereira Ehlers, que em 5 de fevereiro de 1923 renunciou, assumindo a Intendência o coronel Celestino Franco” (CHIAPARINI; MENEGATI In: Revista DM, 14 mar. 1999, s/p).

O General Felipe Nery Portinho tomou Erechim em 12 de março de 1923, nomeando um Intendente Provisório, com isso, as autoridades borvistas constituídas “fugiram para Passo Fundo, deixando acéfala a admi-

3 Os maragatos: Leopoldino Silva, Roberto Paula Chaves, Favorino Pinto, Emiliano de Paula do Nascimento, Zeca Ferreira e outros.

nistração municipal e os maragatos administraram a cidade, dominaram a região até 18 de setembro de 1923” (MENEGATI; CARRARO, 2003, s/p). Em *Cogumelos de Outono*, aparece uma cidadezinha verossimilhante chamada de Boa Vista, localizado no Vale do Rio Dourado, que elucida o ano de 1923:

Boa Vista fora descoberta pelos estranhos- fazia pouco- gente que de vez em quando passava ali em direção a Passo Fundo ou Porto Alegre ou, vice-versa, em direção a Passo Fundo ou Porto Alegre ou, vice-versa, em direção a São Paulo, e que era obrigada ao pernoite por obra dalgum descarrilamento ou “entrega-dos-pontos” da locomotiva e, naquele ano de 1923, segundo diziam as más línguas, o local era muito recomendável para quem não tivesse muito amor ao estômago ou à vida (MÁRSICO, 1972, p. 129).

Da mesma forma, que na ficção a região do Alto Uruguai tinha o transporte ferroviário, sendo que, Passo Fundo inaugurou a ferrovia em 1898 e Erechim em 1918, segundo Chiaparini (1999, p.1), “a ferrovia foi fator decisivo para a vinda de imigrantes, para a importação e exportação e para as comunicações via telégrafo”. Ainda, Mársico satiriza o ano de 1923, que não era recomendável devido a movimentação política revolucionária em todo o Estado, e Erechim não era recomendado porque em seu território ocorrera o Combate do Desvio Giareta comandada pelo republicano capitão Firmino de Paula contra as tropas do federalista capitão Felipe Nery Portinho nas intermediações da ferrovia Santa Maria- Marcelino Ramos, entre os quilômetros 445 e 448, em 23 de julho de 1923:

As forças do Gal. Felipe Portinho estavam acampadas perto do Desvio Giareta quando foram atacadas pelas forças do Gal. Firmino de Paula. Estas vinham em dois comboios, cada um com 20 vagões. O primeiro transportava cavalos e no segundo vinham soldados, em carros blindados. Os revolucionários armaram uma emboscada antes dos trens chegarem ao Desvio, entrincheirando-se no mato e minando a ferrovia [...]. Houve neste combate, que durou mais de dez horas, muitos mortos e feridos (DUCATTI NETO, 1981, p. 127).

A propaganda política quer dos chimangos ou maragatos antecedeu de força intensa em todo o Rio Grande do Sul, para as eleições de 25 de novembro de 1922, “boletins e panfletos eram distribuídos à população, comícios eram efetuados nas principais cidades e em especial as naquelas servidas pela Viação Férrea, e em Erechim foram distribuídos os panfle-

tos” (MENEGATI; CARRARO, 2003, p.12). Erechim recebeu a visita dos dois candidatos, o candidato Joaquim Francisco de Assis em 1922, realizou um comício em frente da Comissão de Terras. O comício em Erechim é representado em *Cogumelos de Outono*:

Um dia, porém, houve um comício dos federalistas, por coincidência bem na noite em que o Velho Borges chegou de trem para uma visita aos seus correligionários. Ele veio de propósito, cumprindo a recente promessa, para mudar o panorama das eleições que se avizinhavam e cobrar a famigerada dúzia de ovos que o deixara comendo bife-a-pé desde aquela data. Passo Fundo se embandeirou inteira para receber o Presidente e os correligionários programaram uma homenagem de cobra mandada no Club Comercial, fora do relento, bem protegida das manifestações de carinho popular. Mas quando o banquete estava em meio ao brinde, o Velho Borges pigarreando para começar o seu discurso, os maragatos se amontoaram lá fora, na rua soltaram foguetes nas vidraças e por cima do telhado e começaram a gritar em pé de guerra: - Abaixo o Antônio Chimango! Abaixo o Antônio Chimango! (MÁRSICO, 1972, p. 29-30).

Mársico representa os comícios maragatos e chimangos realizados em praça pública. Mársico coloca na evocação dos gritos das personagens o descontentamento dos munícipes contrários à reeleição de Borges de Medeiros, sabendo-se que em Erechim haviam forças maragatas, os quais nomes destacam-se: Marcos Ochôa, Celso Ochôa, Eurides Castro, Aldo Afonso Castro, Leopoldino Silva e Isaac Pereira, dentre outros. Em Getúlio Vargas, município próximo a Erechim, muitos cidadãos apoiavam os maragatos, visitando o acampamento para levar roupas e mantimentos, sendo composta pelas mulheres: Hedwiges Cony Germano, Julieta Basso, Rosalina Agazzi, Hilda Giacomazzi, dentre outras, conforme Menegati e Carraro (2003). Em *Cogumelos de Outono* fica evidente que a história tem servido de inspiração para a ficção, sobre a divisão política de chimangos e maragatos:

[O] Velho Borges mandava e desmandava no primeiro e, graças ao seu pulso forte e uma habilidade toda especial na proteção e inviolabilidade das urnas, ia se reelegendo sempre e, pelo jeito, queria morrer tuberculoso no cargo (era magro como um varapau) sabia lá Deus quando! Como ali na Fronteira havia praticamente um delegado para cada urna e os eleitores eram sempre os mesmos até depois de mortos, o negócio era emigrar para onde houvesse vaga [...]. O Tropeiro emigrou, então, para Passo Fundo, na zona da serra,

município meio taludinho e, nos últimos tempos, com uma fama danada de ter votos divergentes nas urnas por falta de amparo. Mas Passo Fundo já tinha dois delegados: um titular, o durão, que era o terror de Boa Vista, e um sobressalente por via das dúvidas e impedimentos. O Velho Borges não se conformava, de jeito nenhum, de perder as eleições ali, nas duas urnas, que julgava devidamente protegidas contra a violação alheia, e se convenceu de que já estava na hora de acabar com essa brincadeira (MÁRSICO, 1972, p. 28-29).

Gladstone Mársico satiriza as eleições fraudulentas porque as urnas tinham votos divergentes, “pelo eleitorado fantasma que votou para o Borges de Medeiros” (MENEGATI; CARRARO, 2003, p.170), e o poder e a influência política de Borges de Medeiros que não estava disposto a perder a eleição. Na reportagem *Borges, o esquecido* (UCHA In: Zero Hora, 12 ago.1983, p.14), ressalta que:

José Augusto Borges de Medeiros foi um homem muito importante no Rio Grande do Sul e, em determinada época, deteve um poder que poucos concentraram em suas mãos. Esteve 25 anos no comando do Estado, e influiu de maneira decisiva, por diversas vezes, na política do País.

Quanto à questão de Borges de Medeiros ser o responsável pela tomada das decisões e a escolha dos intendentes, Juarez Miguel Illa Font (1983, p. 147), ressalta:

O presidente Borges de Medeiros não tivera sorte com os moços de Erechim. Todos os que nomeara intendentes eram homens brilhantes em suas profissões, mas inexperientes e sem o necessário conhecimento de uma sociedade heterogênea em efervescência formativa.

Em *Cogumelos de Outono*, somente integrantes de uma família tradicional tinham direito ao voto. Mársico critica o sistema eleitoral, visto que somente homens votavam, e que:

[N]aquela eleição, a primeira que o Tropeiro de Lesma dirigiu em Boa Vista e se matou de tanto trabalhar na esperança duma breve aposentadoria, o Velho Borges não teve um voto contra. Os trinta e oito eleitores inscritos, quase todos da família Rampanella, se abstiveram de votar. Aquele foi o maior trabalho que teve. Depois, veio a Revolução de 23, onde todo o mundo falava em novas eleições (<<Deus o livre!

>>), que acabaram não saindo tão cedo (<<felizmente! >>)
(MÁRSICO, 1972, p. 30-31).

Nesse aspecto, satiriza que em Erechim os eleitores tinham medo de votar, preferindo abster-se do voto, isso tem relação com a “pressão e ameaças feitas ao funcionalismo público estadual e as patrulhas da Brigada Militar que se postaram no dia da eleição defronte aos locais das mesas eleitorais e os assassinatos dos assisistas” (MENEGATI; CARRARO, 2003, p. 13), e com a morte do maragato Oswaldo Gomes Fortes em Erechim durante a eleição. Em *Cogumelos de Outono*, o personagem Tropeiro de Lesma consegue um emprego de Delegado em Boa Vista, por interferência do Velho Borges. Mársico traz o favorecimento de ocupação de cargos públicos por meio da influência política de Borges nas decisões do Estado:

[J]á naquele tempo se falava muito em emprego público e se dizia que o Velho Borges, com um bom pistolão, nomeava Delegado de Polícia a torto e direito para conseguir resultado nas eleições (MÁRSICO, 1972, p. 28).

Os chimangos ou borgistas eram membros do PRR, Partido Republicano Rio Grandense comandados por Borges de Medeiros e a oposição eram os maragatos ou assisistas, membros do Partido Federalista sob o comando de Assis Brasil. Em *Cogumelos de Outono* mostra a origem do nome chimango:

Ora, se era coisa que deixava o Velho Borges com ardores de juventude e o pulmão como uma usina de gasogênio era o apelido de Antônio Chimango, posto nele pelo ex-Correligionário Ramiro Barcelos numa sátira poética que o comparava, pelo físico “esmirrado”, a um passarinho << magro como o lobisomem, mesquinho como o demônio>>. O Velho Borges quase transformou o seu discurso num testamento na agonia de ver as coisas pretas na escuridão que se seguiu. Mas, quando estava clareando o dia, fez-se um silêncio mortal e se constatou que a Oposição ficaria para sempre na calçada (MÁRSICO, 1972, p. 30).

Gladstone O. Mársico faz uma caricatura de Borges de Medeiros sobressaindo o exagero de sua magreza e outras características físicas, “esmirrado, a um passarinho, magro como o lobisomem, mesquinho como o demônio”. Arrigoni (2011, p. 2064), diz que: “a caricatura prioriza a distorção anatômica, revelando traços da personalidade do retratado”. Ainda, Gladstone Osório Mársico cita o ex-correligionário Ramiro Fortes de Barcelos:

que por divergências com Borges de Medeiros a respeito do candidato do PRR ao Senado em 1915, rompeu com ele e com o partido e escreveu Antônio Chimango – *Poemeto campestre*, dirigido a Borges e sua máquina política. O personagem-título era o senhor todo-poderoso da “estância de São Pedro” (o Rio Grande do Sul), que elegia e depunha deputados e senadores (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO E HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, 2023, s/p).

Mársico utiliza o apelido chimango para compará-lo a uma ave de rapina do Rio Grande do Sul. Em *Cogumelos de Outono* aparece quem eram os maragatos:

Desde aquele tempo o Rio Grande já se achava dividido em benefício da política e havia dois partidos: o republicano (cujos adeptos eram chamados de chimangos e usavam lenço branco no pescoço) e o federalista (conhecidos como maragatos e que usavam lenço vermelho no mesmo gargalo) - partidos que, apesar de saídos da mesma panela conservadora, eram dois metais que não se fundiam nem debaixo da água (MÁRSICO, 1972, p. 28). O mais grave de tudo era que Maroca não passava de forasteiro, residia noutras bandas. Viera de Lagoa Vermelha para trazer um gado a dois fazendeiros de Quatro Irmãos, chegara numa sexta, fizera as contas no sábado e, domingo, antes de viajar, resolvera ir à Missa [...]. Pusera o lenço vermelho no pescoço porque, sem ele, era como se não tivesse nada por baixo. Desde que o recebera de presente do General Santo Cristo Rezende – o grande chefe revolucionário, infelizmente derrotado pelo Capitão Gaudério, com reforço estrangeiro- e se tornara maragato, fizera dele uma relíquia, não o tirava do corpo nem para dormir (MÁRSICO, 1972, p.151).

Nesse trecho, nota-se a similaridade com a divisão dos dois grupos, que usavam cores diferentes de lenços para diferenciá-los politicamente. O termo “maragato” apareceu no Rio Grande do Sul em 1893, durante a Revolução Federalista. “Os “maragatos” representavam os federalistas, liderados por Gaspar Silveira Martins, e eram identificados pelo uso de lenços vermelhos” conforme o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (2023, s/p). Já os apoiadores de Borges de Medeiros usavam lenço branco e pertenciam ao Partido Republicano.

Em Erechim, o padre Carlos Schwergschlager, segundo pároco da matriz São José, no período de 1922 a 08 de maio de 1926, envia uma correspondência em 16 de junho de 1923, enviada ao intendente Themístocles

Celso Ochoa, dizendo que no dia 9 de junho de 1923, o padre Carlos recebeu acusação de ser “chimango” via carta pelo Tenente Coronel Cony da liderança Maragata. Na carta, o padre Carlos explicou: que ele estava num acampamento revolucionário maragato e disseram que ele tinha em seu poder um revólver. Robertino Chaves auxiliar do Tenente Coronel Cony havia dito de fonte segura que o padre Carlos “tinha pregado na Igreja que se votasse em Borges” (SCHWERGSLAGER, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Intendente Themístocles Celso Ochoa, Erechim, 16 jun.1923). Ainda, na carta o pároco diz estar ofendido com a acusação e descreveu os reflexos da revolução no município. Carlos Schwergslager tenta se justificar dizendo que, “nunca me meti na política, mas simplesmente respeitei as autoridades legalmente constituídas como era seu dever de cidadão, e mais ainda vigário” (SCHWERGSLAGER, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Intendente Themístocles Celso Ochoa, Erechim, 16 jun.1923).

Na ficção de *Cogumelos de Outono*, aparece o personagem maragato Maroca do Prazeres que usa lenço vermelho, que têm uma desavença com Frei Ventura na missa ao contrariá-lo no sermão de apoio a Borges de Medeiros. Então, os borgistas não aceitam que Maroca um forasteiro negro maragato, pudesse se posicionar. Em *Cogumelos de Outono*:

Frei Ventura, porém, achou que não devia perder mais tempo. Borgista de quatro costados, descobriu a tática infalível de acabar com essa onda de uma vez por todas, pelo menos ali na sua paróquia. Abrindo o sermão naquela bonita manhã de primavera [...]. Fez a versão para o latim, para deixar menos compreensível o negócio, e dali por diante enveredou para o comunismo, o perigo vermelho que estava por toda a parte. Quando os fiéis já estavam com medo até de pensar na cor do pecado, incluiu uma referência maliciosa aos seguidores de Assis Brasil o <<Lúcifer dos Maragatos>>, como ele o chamava na intimidade porque ainda era muito forte dizer aquilo em público. Disse então: - Até em nossa Pátria, em nosso Município, em nossa cidade, a Besta do Apocalipse está surgindo. Agora mesmo, já não bastou o derramamento de sangue nua recentíssima cruzada cristã, e se pretende oficializar um partido de oposição ao governo legitimamente constituído, tendo como bandeira um simples lenço vermelho. Isto é um sacrilégio! - Não apoiado! - Interveio lá dos fundos da Igreja. Era um preto de olhar morno, estatura mediana, casaco de linho branco, calça de flanela escura e um vistoso lenço vermelho no pescoço [...]. Onde se vira coisa igual, interromper o padre no sermão? Frei Ventura, estupefato com o desaforo do aparte fuzilava o

templo à procura do herege. [...]. Aliás, a situação de Maroca do Prazeres, o réu, não era nada boa. Tirando os veneráveis irmãos da Loja Maçônica de Passo Fundo, que deram uma gozada secreta quando souberam da notícia e alguns ardorosos, fanáticos e anônimos simpatizantes de Assis Brasil - *o asa negra do castilhismo* todo o resto da população tomara partido do padre. Era só o que faltava: um negro e, ainda, por cima, maragato, ter o topete de atirar num Ministro de Deus dentro duma Igreja e, em pleno sermão (MÁRSICO, 1972, p. 140-150).

Mársico satiriza a instituição Igreja Católica local representada pelo personagem Frei Ventura, que mantendo domínio sobre seus fiéis se aproveita da condição de Frei e do sermão religioso para realizar comentários sobre política, aludindo a cor vermelha ao comunismo ao pecado, até mesmo ao diabo, quando inclui a referência maliciosa aos seguidores de Assis Brasil como o Lúcifer dos Maragatos, isso tem relação de como eram chamados os maragatos pelos chimangos, “de bandoleiros, desordeiros, malta de sicários e quadrilhas ladrões” (MENEGATI, CARRARO, 2003, p.198).

Menegati e Carraro (2003, p.179), salientam que: o “padre exercia um forte poder sobre todos, era o juiz, o conselheiro, o apaziguador de querelas entre os paroquianos, e sempre era procurado”. Mársico diz que “a população tomara partido do padre” porque a maioria da população erechinense era católica e que somente os irmãos da Loja Maçônica de Passo Fundo não se importaram com o acontecimento relacionado ao padre porque era simpatizante de Assis Brasil, isso tem relação com os maçônicos maragatos que lutaram no combate e Quatro Irmãos, o Capitão “Júlio Muller, era maragato, que foi sepultado em sua terra natal, Passo Fundo, e velado na Loja Maçônica Concórdia do Sul e para lá foi conduzido por maçons que residiam em Erechim” (MENEGATI, CARRARO, 2003, p.185). Nota-se que Mársico se apropriou de discursos anteriores ao seu nascimento (1927), através do seu meio social, das pessoas que conheceu em Erechim que viveram no período da guerra civil e de suas leituras sobre a Revolução de 23, para construir sua ficção. Isso teoricamente é explicado, por que:

História e ficção são ambas construídas por meio de um discurso, em que cada falante seleciona e organiza subjetivamente a realidade. Sendo assim, uma gama imensa de discursos que se valem de discursos anteriores é produzida, mostrando que o ser humano faz uso da linguagem para entender o mundo, o seu passado (SYLVESTRE, 2011, p. 24).

Juarez Miguel Illa Font (1983), em sua obra *Tempos Heroicos*, ressalta que, no dia da posse de Borges de Medeiros, em 25 de janeiro de 1923 aconteceram às primeiras escaramuças no Alto Uruguai sob inspiração do deputado Arthur Caetano da Silva, e afirma, que:

A revolução começa com grande mobilidade: cavalarianos assaltando cidades e vilas, fugindo ao contato das forças legais. A princípio os armamentos dos revolucionários são mínimos. Logo seriam reforçados. Em fevereiro o governo está incerto do resultado e a situação militar parece instável, tendo os partidários de Arthur Caetano e Leonel Rocha [...]. Cumprindo ordem do governo o intendente Celestino Franco, autoridades e funcionários públicos retiram-se para Passo Fundo. Pouco depois revolucionários entram na Vila e nomeiam Marcino Castilhos administrador do Município, mas 23 horas depois têm de abandoná-la [...]. A 12 de março pequena força de Fontoura Cruz e Dr. Miguel Revoredo reentra em Boa Vista sem resistência. Aprisiona a guarda municipal, apreende seu armamento e liberta quatorze presos da cadeia civil (FONT, 1983, p. 149).

O avanço das tropas da Revolução de 23 aparece em *Cogumelos de Outono*:

A missão da pequena tropa do Capitão Gaudério, quase toda na base da infantaria porque os oficiais andavam escassos e servindo noutros pagos de maior fôlego, era impedir, a qualquer preço, o avanço do famoso General Santo Cristo Rezendes pelos campos da Fazenda dos Quatro Irmãos porque ele, segundo anunciara << a quem interessar pudesse >>, se dirigiria de lá para ocupar Boa Vista, que era considerada ponto estratégico de toda a região devido à sua proximidade com o Estado de Santa Catarina, e- o que era para o Capitão Gaudério um acinte muito difícil de engolir- para se instalar no Palácio da Intendência e- ainda mais essa!- com a licença do anfitrião, fazer um <<bobo>> de maragato no tapete, bem no meio do salão nobre, na frente do retrato do Velho Borges (MÁRSICO, 1972, p.218).

Mársico, por meio do personagem chimango, Capitão Gaudério mostra a oposição aos maragatos, e a não aceitação da tomada de Erechim pelas tropas de Felipe Portinho. Mársico destaca a localização fronteiriça de Erechim ser estratégica com o Estado de Santa Catarina, visto que o coronel Felipe Nery Portinho contava com o apoio do então presidente

do Estado de Santa Catarina, Hercílio Luz, inimigo político de Borges de Medeiros, dessa forma Portinho manteve combates acirrados na fronteira entre os dois Estados. Esse apoio dos intendentes a Borges de Medeiros associa-se ao apelido negativo de “trindade maldita” que a população erechinense apelidara suas autoridades o: Juiz Distrital Celestino Franco, o Chefe da Comissão de Terras Humberto Luna Ricci e o engenheiro Mário Requião, conforme Menegati e Carraro (2003).

Menegati e Carraro (2023) salientam que, o intendente provisório major Renato Pereira Gomes entregou ao Intendente Municipal Pedro Pinto de Souza, um relatório do período de 1º de outubro de 1923 a 31 de maio de 1924, no qual sobre sua gestão dizia-lhes:

O município achava-se completamente anarquizado devido a acefalia que por longo período permaneceu, encontrando eu a Intendência saqueada, onde até o cofre destinado a guarda de valores e livros, arrombados (MENEGATI; CARRARO, 2003, p. 88).

Em *Cogumelos de Outono*, o personagem Capitão Gaudério preocupava-se com a Intendência e com a perpetuação de seu cargo de Intendente:

O Capitão Gaudério tinha motivos altamente defensáveis para se preocupar mais com o seu Palácio do que com Boa Vista. Não fazia muito que ele o inaugurara, trazendo o Velho Borges para cortar a fita e botando o retrato dele na parede, uma cópia fiel do busto que erigira na Praça da Bandeira. O palácio era, para ele, como as pirâmides do Egito para cada um dos faraós, marco imperecível dum reinado absoluto sobre aquelas vítimas que tantas pedras de imposto carregaram nas costas para consolidar o monumento, onde gostaria de ser, não apenas velado, mas enterrado, quando o convite da Divina Providência, ainda muito longe, viesse surpreendê-lo no cargo. Sim, porque o Velho Borges, quando o nomeara, dissera-lhe duas coisas: - Gaudério, a partir de hoje, serás Capitão e, além de Capitão, Intendente de Boa Vista, no Vale do Rio Dourado. Podes ficar tranquilo que morrerás nos dois cargos. Te dou a minha palavra de honra! E o que o Velho Borges dizia, era lei para todo o sempre, a menos que um desgraçado como aquele General Santo Cristo Rezende resolvesse fazer algum pacto com o diabo e mudar o curso da História (MÁRSICO, 1972, p. 218- 219).

Gladstone Mársico traz a representação do prédio da Intendência

saqueado pelas tropas revolucionárias, que hoje abriga a Prefeitura Municipal. Em 1923, a Intendência era a sede administrativa da cidade e na sua estrutura inferior abrangia a cadeia pública municipal. Mársico debocha de Borges de Medeiros ao dizer que deveriam fazer-lhe um busto em sua homenagem em Erechim, porque lembraria que Erechim foi elevado à categoria de município através do decreto estadual nº 2342, de 30 de abril de 1918, assinado por Borges de Medeiros, desmembrando o município de Erechim de Passo Fundo. Porém, Erechim não inaugurou um busto para homenagear Borges de Medeiros, tendo somente dado seu nome para uma pequena rua da cidade. Mársico compara a intendência com uma pirâmide do Egito, porque a Intendência foi construída no período Republicano, que para Maríndia Giardello Detoni (1993, p. 80):

A prefeitura carrega significado ideológico e tornaram-se símbolos da virtude republicana. Era o anseio de mostrar o equilíbrio e bom gosto. Á escala monumental reforçava a ideia positivista de hierarquia. A localização consolidava aquela praça como o centro geométrico e político da cidade.

Dessa forma, Mársico ao debochar da Intendência revela o seu descontentamento pelo Partido Republicano, ao fazer chacota da construção mais imponente da cidade.

Menegati e Carraro (2023) salientam que no dia 31 de janeiro de 1923, chegou A Erechim por meio da ferrovia o deputado Arthur Caetano da Silva, um dos chefes do movimento revolucionário maragato, dirigindo-se a Intendência Municipal, declarou depostas as autoridades do município e nomeou o administrador maragato Marcino Castilho, numa ata assinada por um grande número de munícipes. Entretanto, Marcino Castilhos administrou o Poder Municipal somente 23 horas, porque adentrou na cidade uma tropa de Firmino de Paula, comandando 1000 chimangos. O General maragato Felipe Nery Portinho primeiramente invadiu Lagoa Vermelha e comandou uma tropa de 700 a 800 homens dirigindo-se as proximidades de Capo-Erê Velho e Campo Erechim.

O General Felipe Portinho recebeu a visita do pároco Carlos Schwereschlager, que “pessoalmente, sozinho, foi até lá e pediu que Gal. Portinho que poupasse as famílias de trabalhadores ordeiros, pois estes não se envolviam na política” (MENEGATI; CARRARO, 2003, p.180), e do General João Rodrigues Menna Barreto que operava em Carazinho. A tomada de Erechim pelos maragatos era vista nos primeiros dias de janeiro, porém para impedir os chimangos organizaram uma defesa civil pela Guarda Municipal:

O chefe da Inspetoria de Terras, Engenheiro Mário Requião, organizou a defesa civil da cidade pela Guarda Municipal, pagando \$5,00 por dia a todos os chimangos que se inscreveram. No dia 14 de janeiro à Guarda Municipal foram “requisitados” cavalos dos fiéis católicos que chegaram para a missa dominical e parte dos mais jovens ficaram presos no pátio da Comissão de Terras (MENEGATI, CARRARO, 2003, p.19).

O padre Carlos Schwergschlager exercia uma liderança em Erechim, e que tomando conhecimento após a missa dominical de que a guarda formada por chimangos havia requisitado os cavalos dos colonos que tinham vindo à missa detendo alguns rapazes protestou ao Intendente Municipal (MENEGATI, 2003). No espaço rural de Erechim, em 13 de setembro de 1923, ocorreu o Combate de Quatro Irmãos, localizado na Fazenda Quatro Irmãos, com tropas comandadas pelo republicano Vitor Dumoncel Filho e pelo federalista Felipe Nery Portinho:

Na Fazenda Quatro Irmãos, revolucionários procedentes de Bela Vista atacam o 3º esquadrão do 1º Corpo, de quem fazem parte os tenentes Firmino Leal da Costa e Paulo Amaro. Com não mais de 300 homens a força legalista enfrenta com vantagem de 400 atacantes. Mas de Erebango ocorrem as forças dos coronéis Fabrício e Demétrio Ramos, desequilibrando a luta. Inferiorizados, os remanescentes do 3º esquadrão se retiram, tendo perdido seu combate, Cap. Aparício M. de Souza. Os revolucionários também sofrem muitas baixas de morte, entre as quais as dos coronéis Januário Corrêa e Júlio Müller, de Passo Fundo. Ao fim de dez horas de intensa fuzilaria o campo fica juncado de cadáveres, a maioria legalistas (FONT, 1983, p. 151).

Em Cogumelos de Outono:

No Vale do Rio Dourado houve diversas escaramuças na localidade chamada de Quatro Irmãos, próxima de Boa Vista, deixando muita gente indecisa se já estava na hora de mudar de galho. A maioria deles sempre fora tradicionalmente fiel ao Governo, mas a pregação libertadora era altamente subversiva. Para complicar as coisas houve um suspense de vários dias que aumentou o número de confissões a Frei Ventura. É que as forças *digladiantes*- comandadas dum lado pelo Capitão Gaudério (MÁRSICO 1972, p. 139).

Aqui, Mársico mostra o clima caótico na Fazenda Quatro Irmãos por ser invadida por forças revolucionárias e o medo de optar-se por um posicionamento político. Com isso, alguns colonos preferiram não se posicionar buscando refúgio em outros povoados e cidades mais próximas. Samuel Chwartzmann (2003), em seu livro *Memórias de Quatro Irmãos*, afirma que: “esta revolução causou uma debandada dos colonos de suas terras, por medo de se repetirem as perseguições, saques e assassinatos (pogroms) nas suas terras de origem [...]. Alguns colonos não retornaram” (CHWARTZ-MANN, 2003, p. 74). Em *Cogumelos de Outono*:

O General era respeitado até pelo nome, apesar de velho e meio surdo da orelha direita. Tinha a mania de bancar o cavalheiro gentil e maneiroso dos combates romanceados, parlamentando de véspera com o inimigo sobre a etiqueta do futuro combate, estabelecendo tréguas e outras reverências [...]. Chegava ao cúmulo de distribuir previamente o seu itinerário só para facilitar os encontros e não perder tempo com a bússola. Louvado por sua coragem pessoal era homem de vir no corpo a corpo, em caso de necessidade, incutindo nos seus comandos tamanha moral que, até agora, não se ouvira dizer que houvesse perdido uma só batalha, embora corresse insistentes rumores sobre a cura de seu reumatismo nas últimas retiradas estratégicas (MÁRSICO, 1972, p. 220).

Mársico faz uma representação dos generais e coronéis que eram experientes e tinham alguns deles idade avançada, sabe-se que “o General Felipe Nery Portinho participou da Federalista de 1893 e quando foi convocado para comandar os maragatos na região serrana, já estava com idade avançada”, conforme Menegati e Carraro (2003, p.198). Mársico diz que o capitão maragato era homem de vir no corpo a corpo, isso poderia referir-se ao termo “não queime pólvora com chimango” um dito popular dos maragatos, segundo Menegati e Carraro (2003).

Menegati e Carraro (2023) salientam a quantidade de revolucionários e as armas:

Os chimangos contavam com um efetivo de 12.000 homens equipados com armas de repetição e metralhadoras. Os maragatos tinham um efetivo de mais ou menos 5.000 homens e no final da revolução não mais que 3.000 e seu armamento eram velhas *carabinas comblais*, poucos fuzis de repetição e algumas *Winchesters*, o resto eram revólveres, garruchas e pistolas, muitas artesanais (MENEGATI;CARRARO, 2003, p. 199).

Em *Cogumelos de Outono* o armamento é representado:

Naquela época, a luta estava no auge e os rebeldes pareciam levar uma certa vantagem nos diversos combates por todo o interior do Rio Grande. O Velho Borges, porém, seguro de si, confiava na vitória final, alegando que o grosso das tropas ainda não saíra dos quartéis, esperando o momento oportuno [...]. Em apenas dois dias de marcha forçada, o Capitão Gaudério atingiu as proximidades do que era considerada a sede da Fazenda dos Quatro Irmãos. No alto da última coxilha, divisou o lugarejo que lhe poderia servir de trincheira para deter a passagem do General Santo Cristo Rezende- se é que ele já não estivesse ali, bem amoitado esperando para lhe dar as boas-vindas com a ética de costume e, depois... Chumbo! (MÁRSICO, 1972, p. 219).

Mársico mostra que Borges de Medeiros sabia que possuía armamento superior aos revoltosos maragatos e que parecia estar seguro da vitória. Além disso, aparece uma das estratégias de combate, a de enfrentamento do inimigo com ataque surpresa. Da mesma maneira, Ducatti Neto (1981), salienta que os revolucionários que estavam acampados em Vista Alegre, meia noite levantaram o acampamento tomando a direção da Fazenda Quatro Irmãos para atacar os borgistas de surpresa. “Quando pela manhã a densa neblina se dissipou, os dois inimigos se encontraram frente a frente a uma distância de 200 metros, iniciando-se imediatamente fogo” (DUCATTI NETO, 1981, p. 128). Em *Cogumelos de Outono*:

A tropa foi descendo a coxilha em busca de refúgio e acampamento na sede da Fazenda, ultimando os preparativos para a longa noite de vigilância. Havia, ao todo, umas nove casas abandonadas, emigrando os moradores para outras bandas na previsão da chacina que se anunciava. Quatro delas ficavam bem ao lado esquerdo da única rua de acesso ao lugarejo, bem acima, numa esplanada coberta de cinamomos. As outras cinco, a uns trezentos metros além, num descampado, servindo uma de igreja, pois se notavam as ogivas e a cruz no telhado. O Capitão Gaudério escolheu as de cima por considerar a localização estratégica e lhe permitir controle mais amplo do horizonte. Mandou que a tropa se acomodasse logo enquanto era claro, deixando tudo em ordem para qualquer emergência (MÁRSICO, 1972, p. 221).

Mársico traz a representação da vila de Quatro Irmãos invadida pelas forças revolucionárias e a formação de acampamentos, “que quando

não acampavam em fazenda ou local próximo, casa de comércio de outro maragato ou simpatizante do movimento revolucionário, acrescida a falta de veículos, falta de estradas, o inverno muito forte” segundo (MENEGATI, CARRARO, 2003, p.173), também, no mesmo trecho, Mársico traz a fuga de moradores para outras cidades, pois temiam por sua segurança. Ducatti Neto (1981) salienta que no encontro das tropas em Quatro Irmãos:

Os borgistas fizeram retroceder as forças do general Felipe Nery Portinho, mas estas, depois de reforçadas pelas tropas dos coronéis Fabrício e Demétrio Ramos, avançaram abrindo alas de ambos os lados e cercando os borgistas. Foi uma luta desesperada que durou várias horas e que terminou com a fuga dos poucos borgistas remanescentes. Estes perderam 125 homens (dos 275) e os revolucionários tiveram 14 mortos e 40 feridos (DUCATTI NETO, 1981, p, 128).

Em *Cogumelos de Outono*, aparece a representação do tiroteio e das mortes,

O tiroteio durou a manhã inteira e, pelo jeito, se prolongaria pela tarde e noite adentro. As balas zumbiam dum lado para outro, ricocheteando nas casas e árvores, sem grande pontaria, um verdadeiro desperdício de munição! Havia poucos feridos e nenhuma baixa definitiva, pois ninguém era trouxa de meter a cara na rua. Lá pelas quinze horas, o General Santo Cristo Rezende mandou erguer uma bandeira branca por uma das janelas da igreja, manifestando o desejo de parlamentar. O Capitão Gaudério deu ordem imediata para a cessação do fogo [...]. O encontro se deu bem no meio da distância que separava os dois grupos. Depois dalguns rapapés e continências de estilo, o General Santo Cristo Rezende ponderou ao Capitão Gaudério que, se continuassem a tirotear daquela maneira, acabariam sem munição, no máximo, até o entardecer do dia seguinte e, então, o combate perderia a graça. O que é que ele achava? Não haveria uma fórmula de prolongarem a luta por mais uns dias? Ou, quem sabe, ele preferia um corpo a corpo de saída, sem tiro, para liquidar tudo numa hora? [...]. Deviam era continuar o tiroteio, com pausa para as refeições e as necessidades. Assim, a luta se prolongaria até que chegassem os reforços do Coronel Paim Filho e, então, não haveria mais problema, mesmo no corpo a corpo (MÁRSICO, 1972, p. 222).

Mársico mostra o tiroteio caracterizado por uma luta desesperada

com mortes e feridos. Neste trecho, diz que “a luta se prolongaria até que chegassem os reforços”, tem relação que as forças do general Felipe Nery Portinho reforçadas pelas tropas dos coronéis Fabrício e Demétrio Ramos as quais avançaram cercando os borgistas. Também, cita o nome do maragato Coronel Paim Filho, que deu sequência ao segundo confronto contra os sobreviventes da tropa borgista que antes havia enfrentado Felipe Portinho. Sobre a chegada da tropa do coronel Paim Filho, Ducatti Neto (1981, p.126), relata:

Depois do combate [contra Felipe Portinho], os fugitivos [borgistas] tomaram o caminho mais curto para Passo Fundo e os vencedores a caminho para Erebangó [...]. Mas o grosso das tropas do Gal. Portinho dirigiu-se ao encontro das forças de Gal. Paim Filho, que com cerca de 2.500 homens [...]. Enquanto isso, outra força revolucionária dirigia-se para os campos de Erechim para tentar cercar o 6º Corpo Auxiliar que lá se achava acampado. Travou-se forte tiroteio. Os borgistas resistiram bravamente ao ataque assistido, apesar de sua grande inferioridade numérica, obrigando os sediciosos a fugirem debaixo da perseguição tenaz das forças de Cel. Firmino Paim Filho.

Em Erechim o atendimento aos feridos do Combate de Quatro Irmãos, realizou-se no prédio da Comissão de Terras, também chamado de Castelinho servindo como hospital. Em *Cogumelos de Outono*, o personagem Major é atendido:

Não conhece o Major Pandolfo, o nosso herói de Quatro Irmãos? [...]. O herói chegara ao Vale do Rio Dourado fazia uma semana, depois de longa convalescença num hospital de Passo Fundo, em virtude dos ferimentos- anatômicos [...]. Salvava Boa Vista dos rebeldes- especialmente o palácio do Capitão Gaudério- aguentando o cerco na chamada Fazenda de Quatro Irmãos, localidade distante uns vinte quilômetros e que já se notabilizara pelo tamanho do cemitério em épocas passadas (MÁRSICO, 1972, p. 198).

Mársico traz a representação do atendimento às vítimas do combate em Quatro Irmãos, que para atender os feridos foi organizado em Erechim, segundo Ducatti Neto (1981, p. 128): foi “improvisado um hospital que funcionou primeiro no Cine Avenida e no edifício da Comissão de Terras, e mais tarde onde é hoje a Casa Grazziotin, na Avenida Maurício Cardoso”. Dessa forma, nota-se que na literatura de Mársico a separação da ficção e da

realidade é superficial, já que, muitas vezes, trechos com elementos reais e literários confundem o leitor, se misturam entre a ficção e realidade. Além disso, Mársico traz a representação do Cemitério do Combate, no qual foi inaugurado em 24 de maio de 1924, o monumento dedicado aos combatentes, conforme a ilustração.

Figura 1: Cemitério do Combate, na Fazenda Quatro Irmãos, hoje localizado na divisa entre os municípios de Quatro Irmãos e Erebangó



Fonte: Gláucia Elisa Zinani Rodrigues, tirada em 12 fev.2022.

Em *Cogumelos de Outono*, mostra o final da Revolução:

Em apenas dez meses, o curto período em que a Revolução de 23 figurou na pauta do minuano, Giovanni conquistou todas as divisas que o Capitão Gaudério mantinha em estoque, e mais não trouxe por causa do Tratado de Pedras Altas, que empalideceu um pouco o *rouge* dos maragatos (MÁRSICO, 1972, p. 218).

Para finalizar, a análise Mársico traz a representação do fim da Revolução com o Tratado de Pedras Altas. Ducatti Neto (1981) salienta que assi-

naram no castelo de Assis Brasil o Pacto de Pedras Altas, em 14 de dezembro de 1923, marcando o término da Revolução de 23, com vantagens para ambos os lados. Numa das cláusulas de acordo de paz garantia a permanência de Borges de Medeiros no governo até o final do mandato, mas lhe vedava a reeleição, a escolha do vice-presidente do estado passando ser feita através do voto, e anistia aos rebeldes para garantir a pacificação no Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de analisar a representação da Revolução de 23, em *Cogumelos de outono* foi atingido porque foi possível acessar por meio de uma representação na literatura aspectos verossímeis do episódio. Durante o ano de 1923 ocorreu uma guerra civil entre chimangos e maragatos em todo o Estado Rio-Grandense. Especificando, no interior, a Prefeitura Municipal de Erechim, também denominada Intendência foi tomada por uma tropa maragata liderada pelo general Felipe Portinho. Alguns colonos abandonaram a Fazenda Quatro Irmãos e nunca mais retornaram e os que ficaram conviveram com roubos, ameaças de morte, clima de medo e insegurança na tentativa de continuar trabalhando na Fazenda, em meio às duas revoltas; Combate do Desvio Giareta e do Combate de Quatro Irmãos. Dessa forma, esse cenário histórico reproduziu níveis de medos e angústias que prejudicaram temporariamente o desenvolvimento do município recém emancipado.

Então, Gladstone Mársico realizou uma ficção com elementos históricos, como a representação da reeleição de Borges de Medeiros de 1922, o clima de tensão em Erechim no ano de 1923, quando diz que: vir a Erechim “não era recomendável a quem tivesse amor à vida”, a propaganda política por meio de comícios, as forças maragatas erechinenses e o descontentamento dos revoltosos por Borges de Medeiros. Mársico satiriza a eleições fraudulentas, as ocupações de cargos públicos por meio de interesses políticos. Mársico traz a origem do nome chimango e maragato, chegando a fazer uma caricatura de Borges de Medeiros. Gladstone Mársico mostra que a Igreja Católica local apoiava Borges de Medeiros, representada pelo padre que interfere na revolta. O avanço das tropas maragatas e a tomada da Intendência simbolicamente representando a queda republicana. Também, aparece a fuga dos colonos que habitavam a Fazenda Quatro Irmãos para outros municípios, devido à invasão das tropas ocasionando tiroteios e mortes. Para finalizar representou o tratado em Pedras Altas, que pôs fim a Revolução de 23. Por fim, Gladstone Osório Mársico traz em sua literatura aspectos verossimilhantes que podem auxiliar a pesquisa histórica, como uma fonte de acesso para uma nova perspectiva de ver a História.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Ivânia Campigotto. **Construções narrativas: literatura e história**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.
- ARRIGONI, Mariana de Mello. Debatendo os conceitos de Caricatura, Charge e Cartum. III **Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. UEL – Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR: 03 a 06 de mai. 2011. Disponível em: < <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Mariana%20de%20Mello%20Arrigoni.pdf> >. Acesso em: 18 mai. 2023.
- CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO E HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, FGV CPDOC. Maragatos, Pica-paus e Chimangos. Rio de Janeiro: Mat. Temático Instituto, s/a/s/p. Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MARAGATOS,%20PICA-PAUS%20e%20CHIMANGOS.pdf> >. Acesso em: 1 mai. 2023.
- CHARTIER Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CHARTIER, R. Verdade e prova: História, retórica, literatura, memória. **Revista de História**, [S. l.], n. 181, p. 1-22, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.181759. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/181759>>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- CHIAPARINI, Enori José. **A importância da ferrovia**. Pasta: Etnia/Cultura italiana, negra, índios - índice. Erechim/RS: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font, 1999.
- CHWARTZMANN, Samuel. **Memórias de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Edições EST, 2005.
- COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz. **História e Literatura: Identidades e Fronteiras**. Uberlândia: Edufu, 2006.
- DETONI, Maríndia Giardello. História da Arquitetura de Erechim. Erechim: URI, Revista: **Perspectiva**, 1993, p.80.
- DUCATTI NETO, Antônio. **O grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1981.
- FERREIRA, Antonio Sérgio. **Relações entre Literatura x História. Diálogos Acadêmicos**. Revista Eletrônica da faculdade Semar/Unicastelo, v.1, n.1. Edição Outubro/janeiro de 2010. Disponível: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627110749.pdf>. Acesso: 2 fev. 2019.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. 9.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro- Editora, 2013.
- FONT, Juarez Miguel Illa. **Serra do Erechim: tempos históricos**. Erechim

- RS: Empresa Gráfica CARRARO Ltda. 1983.
- HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**- construção e interpretação da metáfora. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- HANSEN, João Adolfo. Categorias epidíticas da ekphrasis. **Revista USP**, São Paulo, n.71, p. 85-105, setembro/novembro 2006.
- HANSEN, João Adolfo. **Representação e avaliação na literatura de Machado de Assis**. São Paulo: Ciência Hoje. Vol. 43. N. 253. 2014.
- LINHARES, Temístocles. **História Crítica do Romance Brasileiro**. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1987.
- MAGALHÃES, Luís Claudio Bernardes de. **A sátira, o riso e a contestação em Vencecavallo e O outro povo de João Ubaldo Ribeiro**. Programa de Pós-graduação em Estudos da Literatura do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15331/Disserta%E7%E3%02ofinal.pdf;jsessionid=7D1ED44C09D6BBBD7435A18D4FA076CE?sequence=1>. Acesso em: 01 maio 2023.
- MÁRSICO, Gladstone Osório. **Cogumelos de Outono**. Porto Alegre: Movimento, 1972.
- MENEGATI, Altair José; CARRARO, Geder. **O combate do Desvio Giareta, Revolução de 23**. Coleção E o vento não levou. Erechim RS: Empresa Gráfica CARRARO Ltda, 2003.
- MENEGATI, Altair José; CHIAPARINI, Enori. Boa Vista do Erechim é tomada pelos Maragatos. **Revista DM**. Erechim, 14 mar. 1999, s/p.
- OZELAME, Josiele Kaminski Corso; OLIVEIRA, Raíza Brustolin de. Literatura e História: aproximações e distanciamentos. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 9, n. 18, p. 73-81, set. /dez. 2017. Disponível em: < <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5535/3563> >. Acesso em: 17 mai. 2023.
- RODRIGUES, Gláucia Elisa Zinani. **A representação do imigrante judeu na literatura do Rio Grande do Sul: Cágada e o exército de um homem só**. 2019, 235f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo/RS, 2019. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/2236>. Acesso em: 29 ago. 2023.
- SASS, Vera Beatriz. **O satírico e o picaresco em Gladstone Osório Mársico**. Porto Alegre: IEL: Movimento, 1994.
- SCHWERGSCHLAGER, Carlos. [Correspondência]. Destinatário: Intendente Themístocles Celso Ochoa, Erechim, 16 jun.1923. Acervo: Arquivo

Municipal de Erechim Juarez Miguel Illa Font.

SOUZA, Aida Kuri. **A personagem feminina na literatura brasileira**. 2005. Monografia UNESC, Criciúma, 2005.

SYLVESTRE, Fernanda Aquino. Diálogos entre a Ficção e a História: o mito bíblico revisitado em Caim, de José Saramago. **Revista ALERE** – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários- PPGEI. Vol. 04, n. 04, 2011. Disponível em: < <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/544/475>>. Acesso em: 31 ago. 2023.

UCHA, Danilo. Borges, o esquecido. **Zero Hora**, Livros Zh Cultura. Porto Alegre: 12 ago.1983, p.14.

VEJA. Sessão de Literatura. À espera do Führer. Revista: **Veja**, edição nº 187, 5 abr.1972, p. 88.

Recebido em: 20/05/2023

Aceito em: 04/12/2023